

Aula 2:  
IGREJA E ACOLHIMENTO



## A FAMÍLIA

As famílias de crianças com autismo enfrentam grandes desafios.

O **primeiro desafio** é a busca de um diagnóstico para o filho/a que tem um comportamento diferente em relação às crianças da sua idade e que só é dado depois da criança passar por vários profissionais da área da saúde. Será necessário fazer exames clínicos, pois o autismo não é diagnosticado através de exames laboratoriais. Se for pelo SUS (Sistema Único de Saúde), as famílias esperam em longas filas. Durante esse tempo sentem-se angustiadas e ficam ansiosas por respostas que tardam a chegar. Às vezes, após uma longa caminhada entre médicos, consultas e exames, os pais ainda saem com um diagnóstico indefinido, sendo encaminhados para algum tipo de terapia, até que se descubra o verdadeiro transtorno que a criança apresenta.

O **segundo desafio** é após o laudo, encontrar um tratamento adequado que atenda às necessidades da criança. As dificuldades são imensas, além do tempo de espera, há o grave problema da falta de profissionais qualificados para atender a criança com o transtorno, principalmente se o atendimento for público. Alguns pais precisam recorrer à justiça para ter seu direito assegurado e muitas terapias ainda não são acessíveis no Brasil.



## **LAUDO CONFIRMADO: O QUE FAZER?**

O laudo é o primeiro passo de um processo que será para a vida toda.

Ao receber um laudo de autismo, as reações são muito diferentes. No decorrer da caminhada, os pais conseguem entender que é algo que não pode ser mudado e que a aceitação é o primeiro passo a ser dado.

Para muitos existe o período de negação. O tempo de aceitação da realidade varia muito. Alguns levam pouco tempo para aceitar, outros um tempo um pouco maior, outros passam a vida toda sem saber como agir com o filho autista e sem buscar ajuda.

Após a negação vem o período do luto, que também vai durar mais ou menos tempo, de acordo com a forma com que a família encara o problema.

É difícil aceitar que o seu filho é diferente do padrão que a sociedade espera e que ele sofrerá ao longo da vida direta ou indiretamente, a rejeição dos iguais.

No entanto, quanto mais rápido os pais passarem por esse período de negação e luto, mais seu filho será beneficiado, principalmente se for um diagnóstico precoce, quando a criança tenha por volta dos dois anos e possa ser estimulado durante as podas neuronais.

Os pais não precisam necessariamente esperar um laudo para começar a estimulação do seu filho nas áreas que ele apresentar atraso. Se seguirem as orientações da carteira de vacinação do filho e observarem atentamente o desenvolvimento da criança, poderão identificar onde o filho está apresentado dificuldades e buscar um



Aula 2:  
IGREJA E ACOLHIMENTO:  
abraçando o autista e sua família



profissional nessa área para fazer o acompanhamento da criança e o possível tratamento.

Por exemplo:

1. Se você fala com a criança e ela não se volta para você, parece que não ouve, busque um otorrino e tire a dúvida.
2. Se a criança chega aos sete (7) ou oito (8) meses e ainda não consegue sentar, pode ser algo relacionado ao tônus muscular; leve essa queixa ao pediatra que poderá encaminhar ao especialista a ser consultado.
3. Se por volta de dezoito (18) meses a criança nunca balbuciou e até agora não diz as primeiras palavras, leve-a a um fonoaudiólogo.

Assim, você vai buscando contornar os possíveis atrasos da criança, e começar as intervenções necessárias para que a ela consiga se desenvolver mais adequadamente, antes que tenha um laudo fechado de autismo.

Os professores são os primeiros a notar que a criança é diferente das demais e orientar aos pais para que busquem ajuda profissional o quanto antes, pois o laudo é super importante para o desenvolvimento da criança.

Os parentes muitas vezes também passam por essa fase de negação e às vezes dizem que “autismo virou moda” ou que a criança “não tem cara de autista”, mas, lembre-se: autismo não tem cara. É um transtorno diagnosticado clinicamente, exatamente por não ter marcos visíveis. Essas opiniões de fora tendem a influenciar os pais e acabam atrapalhando a busca pelo tratamento adequado em tempo hábil.



Aula 2:  
IGREJA E ACOLHIMENTO:  
abraçando o autista e sua família



Negar e viver o luto pós laudo é normal, mas os pais devem ultrapassar essa barreira o quanto antes for possível e começar as intervenções, evitando assim que a criança sofra ainda mais.

## **A IGREJA E O DESAFIO DE ACOLHER**

A igreja, desde o seu início tinha como base o acolhimento e o cuidado. Ninguém passava dificuldades e os enfermos eram tratados com carinho e alguns até eram curados, tanto por Jesus e posteriormente por alguns discípulos.

Com o passar dos anos, a igreja tem olhado com indiferença as pessoas com deficiência. Mas diante desse cenário de 45 milhões de deficientes no Brasil, a igreja não pode fechar os olhos e, em se tratando de deficiência em crianças, é ainda mais difícil para os pais.

Hoje é realidade a presença de crianças e adolescentes com os transtornos mais diversos na igreja. Seus pais chegam à igreja, em muitos casos, apresentando um quadro de stress, de crises conjugais e pessoais e de sintomas depressivos. Estão totalmente desestruturados e desesperados. E, às vezes a Igreja é o último refúgio para a família, o seu lugar de esperança.

Os recursos financeiros já foram gastos para diagnosticar o seu filho. Arrasados, com medo do futuro e sem perspectiva, muitos maridos abandonam o lar e as mães têm de cuidar sozinhas da criança que, por vezes, recebe uma pensão irrisória que não cobre as despesas. Na maioria das vezes, os gastos com uma criança autista chegam a 45% a mais do que com uma criança típica.



Aula 2:  
IGREJA E ACOLHIMENTO:  
abraçando o autista e sua família



Pensando especificamente na criança com TEA, os pais às vezes veem a igreja como seu último reduto para receber o conforto que estão precisando. Se a igreja os tratar friamente ou com indiferença, eles não voltarão e pode ser que esse coração se feche para sempre em relação a uma conversão a Cristo.

Portanto, a igreja deveria ser um abrigo seguro para a criança com TEA e sua família. As igrejas devem assumir esse papel de acolhimento e cuidado, pois foi essa a igreja que Jesus edificou, uma igreja que ama, busca, identifica o problema e dá assistência.

## **CONSCIENTIZAÇÃO DA MEMBRESIA**

A igreja deve conscientizar seus membros a respeito da inclusão dos autistas na igreja. Organizando eventos, palestras e nas próprias mensagens, a temática deve ser abordada constantemente. A igreja é um organismo vivo e sempre terá um novo membro que deverá ser avisado a respeito do ministério de inclusão, evitando assim o preconceito e a indiferença.

O Ministério de inclusão é um ministério da Igreja e não uma ação do Ministério Infantil apenas. Todos os membros precisam ser orientados e informados sobre o comportamento das crianças autistas, quando estiverem no templo, para evitar olhares de repreensão ou indiferença para com a família da criança com TEA.

Jesus, em muitos momentos do seu ministério, nos mostrou como agir com pessoas com deficiência. Nem todas ele curou, mas a todas, indiferente da raça, cor ou gênero, ele devolveu dignidade. Suas curas e sinais, muitas delas para pessoas com deficiência visual, de mobilidade ou leprosos, eram um sinal do Reino de Deus – do qual



Aula 2:  
IGREJA E ACOLHIMENTO:  
abraçando o autista e sua família



a igreja é representante em nosso mundo. A igreja foi instituída sobre a égide do amor cristão e para demonstrar esse amor, precisamos devolver a dignidade das pessoas, pois o seu diagnóstico não é o seu destino, nem uma sentença de morte. É preciso olhar para a pessoa além da sua deficiência e vê as suas possibilidades.

### **AÇÕES CONCRETAS**

Segue uma relação prática de ações multidisciplinares e multiministeriais que qualquer igreja, independentemente do seu tamanho ou recursos financeiros, pode fazer em relação às famílias com crianças autistas:

1. Pode recebê-las com amor e dignidade;
2. Propiciar um ambiente adequado para as crianças autistas;
3. Capacitar uma equipe para atender à criança e apresentar Jesus Cristo para elas de uma forma que ela entenda (através de materiais adaptados);
4. Conhecer as demandas dessa família e ter um olhar de misericórdia, buscando ajudá-los ao invés de condená-los ou criticá-los pelo comportamento “errado” da criança;
5. Criar um espaço com encontros periódicos para compartilhar experiências entre os pais de autistas, bem como um momento de alívio para os pais - que há tempos não têm momentos de descanso e lazer, às vezes nem para cuidar de si



Aula 2:  
IGREJA E ACOLHIMENTO:  
abraçando o autista e sua família



mesmos;

6. Durante esses encontros, a igreja deve disponibilizar a equipe de inclusão, que ficará desenvolvendo alguma atividade com a criança para que os pais sejam atendidos;
7. Equipar uma sala sensorial para atender as crianças em crise;
8. Manter canais de comunicação aberto com as famílias de autistas, para compartilhar as dificuldades, bem como compreender qual é o papel da igreja em relação à criança e a família;
9. Orientar a família nas questões legais em relação ao Transtorno, principalmente se for uma família sem condições de ir atrás dos seus direitos como cidadão ou que sequer conhece seus direitos.

Os desafios da Igreja são grandes, mas talvez não tão grande quanto o da família. Frequentemente, a família é uma mãe solo, pois 80% dos casamentos acabam em divórcio no primeiro ano após o laudo e a situação só complica.

A igreja precisa aprender urgentemente acolher as famílias de autistas, pois, elas também fazem parte da grande comissão.